



ANITELLI, Felipe*

<https://orcid.org/0000-0001-9821-5912>

RESUMO: Esse artigo estuda a história da arquitetura de Campo Grande (MS), em especial projetos residenciais em Estilo Missões realizados nos anos 1950. Foram adotados procedimentos metodológicos variados, como revisão bibliográfica e consulta a fontes documentais, com destaque para 35 visitas técnicas realizadas no ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande, onde foram analisados 212 projetos, que totalizam 2.349 registros fotográficos, que contêm peças gráficas, como plantas, plantas de cobertura, implantação, situação, cortes, elevações, perspectivas, etc., além de documentos, como o memorial descritivo de materiais e técnicas, mais os registros burocráticos dos processos de aprovação. Não foram identificados estudos acadêmicos com os mesmos recortes temático, cronológico e geográfico, o que reforça a importância do trabalho realizado aqui.

PALAVRAS-CHAVE: história da habitação no Brasil; história da arquitetura; arquitetura Estilo Missões.

ABSTRACT: This article studies the history of architecture in Campo Grande (MS), especially residential projects in the Mission Style carried out in the 1950s. Various methodological procedures were adopted, such as bibliographic review and consultation of documentary sources, with emphasis on 35 technical visits to ARCA - the Historical Archive of Campo Grande, where 212 projects were analyzed, totaling 2,349 photographic records containing graphic elements such as floor plans, roof plans, site plans, location plans, sections, elevations, perspectives, etc., in addition to documents such as descriptive reports of materials and techniques, plus bureaucratic records of the approval processes. No academic studies with the same thematic, chronological, and geographical scope were identified, reinforcing the importance of the work carried out here.

KEYWORDS: history of housing in Brazil; history of architecture; Mission Style architecture.

* Graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Professor (graduação e mestrado) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: felipe.anitelli@ufms.br

INTRODUÇÃO

Esse artigo estuda a história da arquitetura de Campo Grande (MS), em especial projetos residenciais, casas térreas ou assobradadas, realizadas nos anos 1950, entre aquelas em Estilo Missões. O interesse inicial surgiu de uma observação empírica da região central da cidade e bairros vizinhos, como São Francisco, Vila Planalto, Amambai e Vila Glória. São dezenas - talvez centenas - de moradias construídas nesse estilo, também comumente chamado de neocolonial hispano-americano. Esse acervo, no entanto, não estava acessível para pesquisa de forma plena: muros altos com bloqueio parcial da edificação e reformas posteriores que desfiguraram o projeto original dificultam os registros e as análises.

Por isso, optou-se por identificar as fontes originais: projetos arquitetônicos aprovados na prefeitura, documentos hoje sob guarda do ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande, a quem o autor deste trabalho agradece. Foram realizadas 35 visitas técnicas entre 2024 e 2025, estudando projetos desde 1915 (data do primeiro registro) até meados do século XX. A partir de uma observação panorâmica atenta notou-se que o Estilo Missões foi bastante popular na década de 1950 e bem menos frequente em períodos anteriores e posteriores. Nas décadas de 1930 e 1940 eram mais comuns o art déco, o eclético, o neocolonial com matriz luso-brasileira e raros exemplares modernos; a partir da década de 1960 passou a predominar, aos poucos, o moderno.

A partir disso, estudaram-se em mais detalhes 212 projetos realizados na década de 1950, que totalizam 2.349 registros fotográficos, que contêm peças gráficas, como plantas baixas, plantas de cobertura, implantação, situação, cortes, elevações, perspectivas, etc., além de documentos, como o memorial descritivo de materiais e técnicas, mais os registros burocráticos dos processos de aprovação. Desse conjunto, foram identificadas 42 residências projetadas em Estilo Missões. São esses exemplares que serão analisados na sequência. Importante ressaltar que não é objetivo deste trabalho quantificar essa produção, mas apenas qualificá-la, explicando, de forma detalhada, suas características. Por isso, como estratégia para viabilizar a pesquisa, foram selecionados um número de casos suficientes para ilustrar tais qualidades.

Essa caracterização foi contraposta à revisão bibliográfica, que focou em trabalhos acadêmicos cujos recortes temáticos tangenciam a história da arquitetura no Brasil, com enfoque em realizações anteriores ao moderno, com destaque para o Estilo Missões. A arquitetura moderna substituiu as referências anteriores, de forma abrupta ou gradual, às vezes em realizações concomitantes e sucessivas, em processo cuja temporalidade depende de cada cidade. Nesse contexto, diferentes cidades podem ter um desenvolvimento arquitetônico parecido, mas os períodos e as estratégias de intervenção, no geral, são distintos.

Por exemplo, o arquiteto russo Gregori Warchavchik projetou a primeira residência moderna construída no Brasil, em 1927, na rua Santa Cruz, Vila Mariana, São Paulo; já em Campo Grande, trinta anos depois, nos anos 1950, ainda eram raras as casas modernas, com exceção de algumas poucas projetadas pelo engenheiro civil Gabriel do Carmo. Aqui, nota-se um desalinhamento temporal das manifestações arquitetônicas, por isso, estudos geograficamente localizados e que evitem generalizações, como o realizado aqui, tendem a ser mais precisos em suas análises. São histórias que apontam o mesmo caminho, mas que se concretizaram em tempos diferentes. Esse foi um desafio inicial encontrado aqui, pois as fontes secundárias consultadas não situam o Estilo Missões nos anos 1950, como foi tão popular em Campo Grande.

Optou-se por consultar diversos autores para caracterizar o Estilo Missões, pois os elementos utilizados na fachada, no geral, variam de acordo com o projeto, o autor, o local, a circunstância, etc.. A partir dessas definições e da história sobre as origens do estilo, tem-se a fundamentação necessária para os subseqüentes estudos sobre os exemplares de Campo Grande. Em termos de procedimento metodológicos, portanto, este trabalho utiliza fontes primárias e secundárias, ou seja, análise documental e revisão bibliográfica.

Não foram identificados estudos acadêmicos com os mesmos recortes temáticos, cronológicos e geográficos, o que reforça a importância do trabalho realizado aqui. Também há interesse deste artigo em valorizar a arquitetura cotidiana, não apenas os principais monumentos e as edificações institucionais, mas também a produção residencial, muitas vezes anônima, realizada por profissionais nem sempre conhecidos ou valorizados.

Não é raro que os trabalhos acadêmicos deem preferência para projetos com resultados plásticos mais expressivos. Não é difícil, nesse sentido, encontrar estudos sobre o coliseu romano, mas é bem menos fácil descobrir informações sobre os moradores da vizinhança do anfiteatro, tal como é pouquíssimo frequente o interesse pelas condições de moradia da população pobre que orbitava a grande capital do império. Os projetos apresentados a seguir não são exuberantes em termos formais, mas são muito numerosos e ajudam a explicar em quais condições viviam a população.

Por fim, ainda existem grandes lacunas bibliográficas sobre a história da arquitetura em Campo Grande ao longo do século XX e o presente trabalho se propõe a esclarecer pontualmente algumas questões.

Na sequência, o artigo está estruturado em três tópicos principais: “Estilo Missões”, que detalha a linguagem arquitetônica estudada, desde a definição da nomenclatura, sua origem e popularização nos Estados Unidos de fins de século XIX, até sua incorporação ao repertório residencial por arquitetos brasileiros, inclusive estudando suas principais características, com foco em exemplares realizados em Campo Grande (MS); “Epílogo”, complemento do item anterior, descreve com mais detalhes uma residência, consideravelmente maior (quando comparada ao restante da amostra) em termos programáticos e de área construída, cuja fachada adota de forma mais completa os atributos do Estilo Missões, sendo o caso mais expressivo identificado; por fim, as “Conclusões” trazem uma síntese das principais questões verificadas nas análises anteriores.

ESTILO MISSÕES

O neocolonial foi uma das primeiras expressões que conseguiu sintetizar, não sem contradições, uma renovação com relação ao repertório eclético¹ popularizado no século XIX. Tal atualização estética se fundamentava na valorização de certa cultura material do continente americano desde a época da colonização. Um mérito do neocolonial foi tentar substituir, ao menos no discurso, a hegemônica influência europeia de matriz francesa que predominou na arquitetura brasileira desde o

¹ Para estudar manifestações do ecletismo arquitetônico no Brasil, consultar Fabris (1987).

Oitocentos, consolidada nos desdobramentos da Missão Artística Francesa, patrocinada pelo rei Dom João VI.

Nesse contexto, sob influência das diretrizes do neocolonial, os autores deveriam buscar suas referências de projeto não mais no discurso acadêmico da Escola de Belas-Artes parisiense ou em suas congêneres, mas na produção luso-brasileira dos primeiros séculos, com destaque para o Barroco português. Um dos estudos mais elaborados sobre esse fenômeno foi feito por Pinheiro (2012). Entre os primeiros expoentes do neocolonial estão Victor Dubugras e Ricardo Severo.

É preciso lembrar, no entanto, que esses novos parâmetros de projetos são subjetivos, na medida em que dependem da interpretação pessoal que cada autor faz de um passado incerto, resgatando referências, muitas vezes, idealizadas *a posteriori*. Por exemplo, o entendimento que Lúcio Costa teve do passado ao viajar para Diamantina em 1924 era bastante diferente daquele que supunha José Mariano, o patrocinador de tal viagem de estudos; as dúvidas de Mário de Andrade sobre a validade do neocolonial como estratégia de modernização cultural brasileira também ilustram essas incertezas (WISNIK, 2019)².

A questão se complexifica mais, pois as referências coloniais latino-americanas podem ser portuguesas ou espanholas, por isso, é comum que o neocolonial praticado no Brasil seja diferente do argentino, chileno, etc., ou ainda, numa perspectiva de raiz romântica, tais referências poderiam ser, inclusive, de povos indígenas originários, o que significa uma miríade de possibilidades estéticas.

Em Campo Grande (MS), nos anos 1950, de acordo com a amostra estudada, o neocolonial foi o estilo mais popular utilizado em projetos residenciais. Conveniente lembrar que, em meados de século XX, nas metrópoles brasileiras mais hegemônicas em termos culturais, como Rio de Janeiro e São Paulo, essas expressões neocoloniais raramente são encontradas, numa época em que o modernismo já havia se consolidado como linguagem arquitetônica, em especial em sua vertente carioca (KAMITA, 1999)³. Por um lado, isso expõe os problemas de uma narrativa bibliográfica

² O primeiro capítulo da tese apresenta um debate sobre o processo de modernização cultural no Brasil, estabelecido nas primeiras décadas do século XX, a partir de reflexões de Mário de Andrade e Lúcio Costa.

³ Essa vertente carioca do modernismo brasileiro também foi identificada em projetos residenciais realizados em Campo Grande nos anos 1950, mas ela é uma exceção no conjunto estudado.

que

pressuponha generalizações e que tomem a parte pelo todo, por exemplo, supondo que a arquitetura carioca ilustrasse o que ocorria, no mesmo período, em outras regiões do Brasil; por outro lado, valoriza estudos como o presente artigo, que problematiza a história da arquitetura a partir da produção imobiliária local.

A primeira conclusão - surpreendente - sobre o neocolonial campo-grandense é que ele não é luso-brasileiro, mas sim hispano-americano. Isso estima ainda mais o levantamento documental realizado aqui, pois são raros - quase inexistentes - os trabalhos acadêmicos que estudam o neocolonial de origem espanhola. À época, ele recebeu muitas denominações, como “estilo missões”, “estilo misiones”, “estilo mexicano”, “californiano”, “estilo a la casa do zorro”, “colonial hispano-americano”, “colonial mouro missões”, “estilo missão hespanhola”, “california-mission”, “architectura espanhola adaptada ao gosto americano”, “bangalô californiano” etc. (ATIQUE, 2007, p. 306). Como o termo “Estilo Missões” é o mais recorrente em estudos acadêmicos no Brasil, a partir daqui, ele será utilizado nesse tópico para nomear o fenômeno.

O Estilo Missões foi realizado de início em regiões de expansão territorial estadunidense, na direção da costa Oeste. Entre as quais, áreas de colonização espanhola que, no século XIX, eram independentes e pertenciam ao México antes de se tornarem propriedade dos EUA. Nesse contexto, os arquitetos estadunidenses idealizaram uma romantizada “arcádia espanhola” (ATIQUE, 2007), que exaltava os colonizadores - padres franciscanos e jesuítas (herança mediterrânea, mais nobre, portanto, aos olhos dos novos conquistadores yankees) e que repudiava influências diretas mexicanas.

Dessa forma, nos EUA, criou-se um neocolonial com raízes hispânicas, que se tornou um estilo bastante popular na costa oeste, como é possível observar em muitíssimos filmes de Hollywood até o pós-Segunda Guerra Mundial⁴. Havia 21 missões originais⁵ na região atual da Califórnia, por exemplo, fundadas entre 1769 e

⁴ Filmes recentes ambientados na Califórnia entre as décadas de 1920 e 1930 ainda mantêm essa referência estética. Por exemplo, “Babilônia”, dirigido por Damien Chazelle, lançado em 2022. O protagonista do filme, interpretado por Brad Pitt, mora numa casa em Estilo Missões.

⁵ “missões” entendidas como aldeamentos indígenas e mosteiros religiosos.

1823⁶. As questões pontuadas nos últimos dois parágrafos apontam uma justificativa política para conceber o Estilo Missões, além do redirecionamento estético. Conteúdo político que não estará no horizonte dos projetos residenciais realizados em Campo Grande, como será visto.

As pretensões do Estilo Missões parecem coincidir, em grande medida, com as do neocolonial luso-brasileiro: segundo Pinheiro (1997) era uma idealização, que pode ser considerada manifestação de nostalgia, típica de nações recém-criadas, desejosas por buscar - ou inventar - uma identidade própria. Segundo a autora, a Feira Colombiana de Chicago em 1893 popularizou o estilo, a partir do pavilhão da Califórnia, projetado por A. Page Brown⁷, ampliando-se nos anos 1920 em função do enorme crescimento urbano ocorrido nos EUA. Esse processo é concomitante, inclusive, com a ascensão econômica e cultural americana, o que explica, em grande medida, a subsequente presença do Estilo Missões no Brasil e em Mato Grosso do Sul. Como será explicado ao longo deste tópico, a incorporação desse repertório estético - em época que coincide com o início da Guerra Fria - não exigiu grandes modificações nas técnicas construtivas utilizadas ou na mão-de-obra local disponível, o que facilitou, de certo, sua disseminação em Campo Grande.

Atique (2007) identificou diversas características das construções originais que se tornaram referências formais para o Estilo Missões: pátio com jardim e/ou fonte, paredes espessas e maciças, arcadas, frontões curvilíneos, torres sineiras com domo e/ou lanterna, campanários, beirais, telhas cerâmicas, entre outras.

O autor lembra que o Estilo Missões, posteriormente, no entanto, incorporou um repertório formal e decorativo mais variável e amplo, entre os quais, menciona: pátios internos, no geral, conformados por arcadas (por vezes arcadas duplas); pedras como arremate - decorativo - das arcadas; telhas cerâmicas; beirais menores, pois as antigas missões originárias localizavam-se em regiões de clima seco, quase desértico, onde chovia pouco; cornijas que arrematavam partes do telhado sem beiral; ordens toscanas; frontões curvilíneos; voluta como arremate da parede; óculo quadrilobado;

⁶ Entre os trabalhos consultados, a descrição mais detalhada das origens do neocolonial hispânico é a tese de doutorado de Fernando Atique (2007), sobre a influência cultural estadunidense sobre o Brasil.

⁷ Atique (2007) menciona outros arquitetos americanos associados ao Estilo Missões: George Washington Smith, Bentham Goodhue e Reginald Johnson.

paredes com acabamento áspero (revestimento rústico, condizente com a técnica construtiva de paredes em adobe, dos exemplares originários), predomínio de cheios sobre vazios nas fachadas, serralheria artística, cactáceas, etc.. Útil comparar esse mosaico de possibilidades com as imagens de residências campo-grandenses apresentadas na sequência (FIGURA 1, 2, 3).

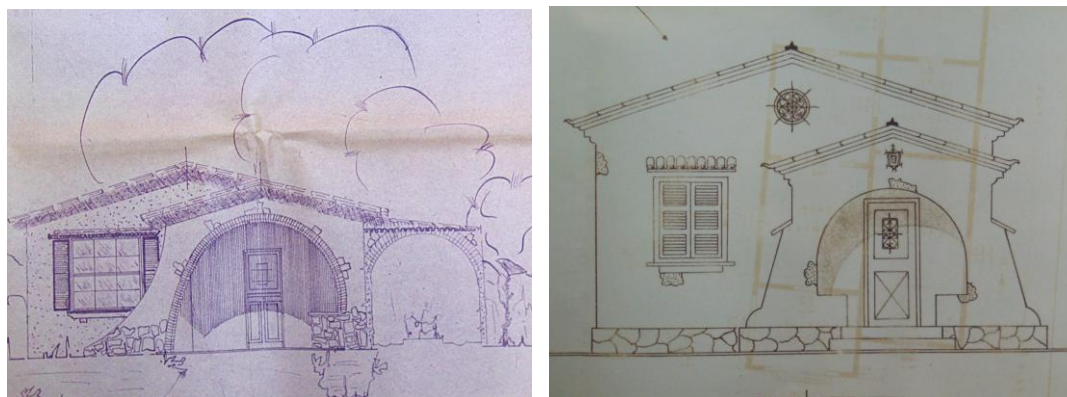


FIGURA 1 - **esquerda:** residência Antônio Romualdo do Espírito Santo, autor do projeto e responsável pela construção: Joaquim Theodoro de Faria, localização: rua 13 de Maio, aprovada em 1953, processo 1377/1953-16; **direita:** residência João Leite, autor do projeto: Amélio Baís, responsável pela construção: José de Souza Rosa, localização: rua Paraná, bairro Cascudo, aprovada em 1951, processo 2945/1951-71.

fonte: ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS)

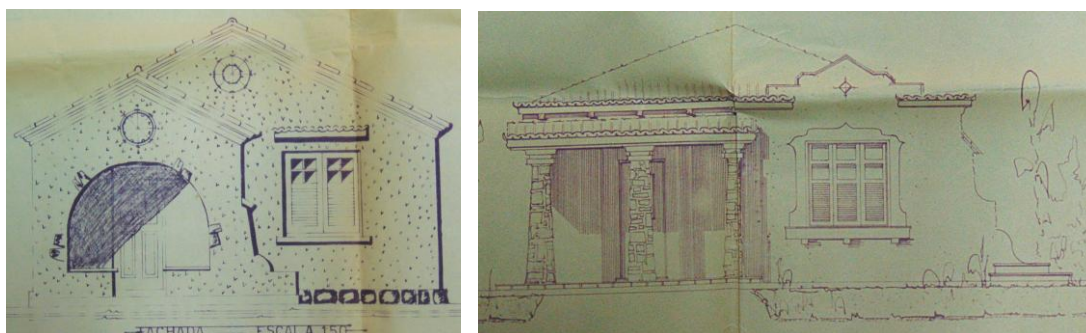


FIGURA 2 - **esquerda:** residência Ataíde Lopes, autor do projeto: Luiz Vasco Alviço Alves, construtor: Luiz Louzinha, localização: rua Aporé, Amambai, aprovado em 1953, processo 1492/1953-54; **direita:** residência Durval Ouriveis, localizada na rua da Constituição, autor do projeto arquitetônico e responsável técnico pela execução: Sociedade Campograndense de Engenharia Ltda. (assinado por José Machado), aprovada em 1952, processo 3965/1952-02.

fonte: ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS)

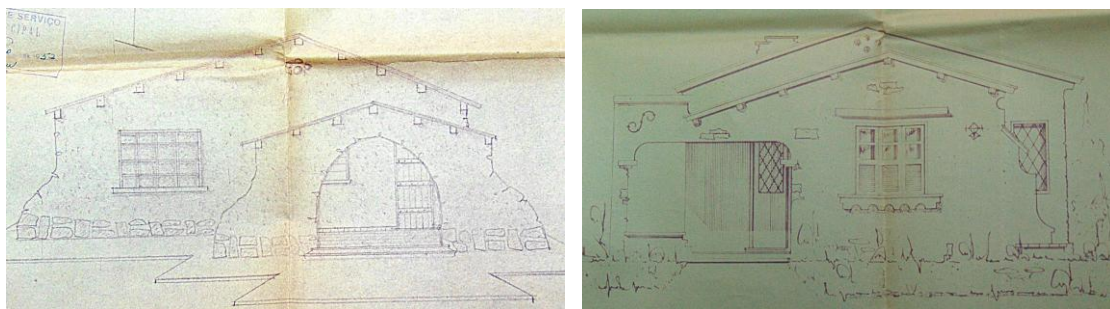


FIGURA 3 - **esquerda:** residência Dolores Vilarrodona Laburú, autor do projeto arquitetônico e responsável técnico pela construção: Luiz Vasco Alviço Alves (Escritório Técnico de Engenharia), localização: avenida Marginal, aprovada em 1952, processo 3909/1952-84; **direita:** residência Francisco Ibiapina de Fonseca, autor do projeto arquitetônico e responsável pela construção: Joaquim Theodoro de Faria, localização: rua Maracaju, aprovado em 1952.
fonte: ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS)

A partir dos exemplares mencionados pela bibliografia consultada e da amostra de projetos estudados em Campo Grande, o entendimento que se tem no presente artigo é que o “estilo” missões, como o próprio nome sugere, não significou muito além de uma atualização decorativa do plano frontal da fachada, na grande maioria dos casos. Por isso, não é incomum identificar definições algo diferente de suas características, dependendo dos critérios, do conhecimento e dos interesses do autor do projeto, ou ainda, das subjetivas predileções do proprietário do imóvel. Pinheiro (1997), por exemplo, além daqueles já mencionados, acrescenta outros aspectos: telhados com duas águas e cumeeira perpendicular à rua; profusão de elementos de madeira (vergas, pergolados, etc.) e em ferro fundido (luminárias, gradis, guarda-corpos, etc.).

D’alembert (2003) menciona outros tantos elementos, indicando a amplitude do repertório projetual, a flexibilidade compositiva do arquiteto e a diversidade formal que as residências podem ter: torreão circular, coberto por telhado cônico, marcando a caixa de escada; pequenos balanços no pavimento superior; chaminés de lareiras; elementos decorativos que lembram dormentes de madeira; balcões alpendrados guarnecidos por colunas salomônicas; varandas com arcos (plenos, abatidos ou goticizantes), às vezes, emoldurados por tijolos ou pedras, imitando aduelas; mísulas sustentando balcões; azulejos, etc..

Vários elementos listados por Atique (2007), Pinheiro (1997) e D’alembert (2003) foram utilizados em projetos residenciais de Campo Grande, mas reitera-se que eles sempre são incorporados ao projeto numa perspectiva decorativa, sem impactos construtivos ou espaciais, tampouco plásticos, visto que não propõe alterar

de

forma substancial o partido arquitetônico adotado. Os projetos consultados mostram que as técnicas construtivas, o programa de necessidades e o arranjo doméstico de residências em Estilo Missões são bastante parecidos com exemplares que adotaram outros estilos históricos ou aqueles que propuseram modernizações, como o Ar Decó⁸.

Por isso, corrobora-se com a seguinte conclusão sobre o Estilo Missões: “Pode-se dizer que essa linguagem correspondeu a uma moda, muito intensa e fugaz”. Estudando exemplares construídos no Jardim América, em São Paulo, a autora continua: “essa linguagem neocolonial ‘hispano-americana’ *articula essencialmente um repertório de elementos decorativos sobre um arcabouço arquitetônico conhecido [grifo nosso]*” (WOLFF, 2000, p. 228-229). Segundo ela, raramente houve alterações espaciais significativas. Esse quadro coincide com a amostra campograndense aqui estudada. Ela também identifica algumas soluções ainda não listadas aqui, como telhadinhos que interceptam trechos da fachada; janelas em segmentos, divididos por arcos e colunas salomônicas; arco que termina numa base com volutas; arco com pedras incrustadas; vasos em forma de ânfora; etc..

É importante repetir que não há um tratado que teorize as bases conceituais do Estilo Missões e torne uniforme seus atributos. Por isso, o vocabulário e a sintaxe podem conter diferenças em cada caso, lugar, projeto, autor, cliente, terreno, legislação, etc.. A estratégia aqui adotada é aproximativa, ou seja, apresentar as características identificadas pelos autores em suas respectivas amostras e, na sequência, compará-las aos exemplares de Campo Grande estudados. Afirma-se que, para além de similaridades e diferenças, os projetos campograndenses também devem ser enquadrados como ilustração desse fenômeno do Estilo Missões, ainda que extemporânea quando comparada com outras cidades, por exemplo, a São Paulo do Jardim América estudado por Wolff (2000).

Diversos arquitetos brasileiros - ou radicados no Brasil - adotaram o Estilo Missões em sua obra, ainda que essa linguagem quase nunca tenha sido recorrente em suas respectivas trajetórias. Por exemplo, alguns ligados ao Ecletismo, como

⁸ Como as questões apresentadas nesta frase não fazem parte do escopo do presente artigo, elas não serão aprofundadas aqui.

Felisberto Ranzini. Curioso notar certos arquitetos que a historiografia postula como modernistas, mas que, em certas circunstâncias, projetaram residências em Estilo Missões, antes de aderir às vanguardas de forma incondicional: como Vilanova Artigas⁹, Eduardo Kneese de Mello¹⁰, Francisco Beck¹¹, Oswaldo Bratke¹², entre outros, inclusive Lúcio Costa¹³, o principal teórico da arquitetura moderna brasileira na primeira metade do século XX, mas que, na década de 1920, talvez tenha sido o mais habilidoso autor do neocolonial de matriz luso-brasileira. Bruand (1981, p. 57) afirma que essa linguagem “missão espanhola” não passa de um “ecletismo exótico” e foi importada dos Estados Unidos por Edgar Vianna¹⁴.

Nesse contexto, o Estilo Missões parece menos superar o Ecletismo do que ampliar seu horizonte estético, ao disponibilizar outro repertório projetual para os arquitetos, aumentar as opções de fachadas para os clientes, criar modas efêmeras e alterar a aparência urbana através da epiderme das construções sem, contudo, mudanças estruturais da produção habitacional, como é típico da modernização conservadora brasileira.

Na amostra estudada, foram identificados 42 projetos residenciais com traços do Estilo Missões em Campo Grande, na década de 1950. Entre eles, foram reconhecidos diversos autores¹⁵, quase todos engenheiros de formação, como o engenheiro civil Amélio Bais¹⁶; José Machado, da Sociedade Campograndense de Engenharia Ltda.¹⁷; engenheiro civil Joaquim Theodoro de Faria, do “Escriptorio

⁹ Por exemplo, a residência Nelson Pereira da Costa ou a residência Henrique Arouche de Toledo.

¹⁰ Por exemplo, a residência Jean Lecoq.

¹¹ Por exemplo, a residência Marina Dias Laranjeira Cabral.

¹² Por exemplo, a residência Manoel Vega.

¹³ Por exemplo, a residência João Daudt de Oliveira. Lemos (1989, p. 183) afirma que o Estilo Missões “aqui veio fazer verdadeira concorrência ao neocolonial, quando não se mesclava a ele em verdadeiras soluções sincréticas”.

¹⁴ Atique (2007) lembra que Edgard Vianna estudou na universidade da Filadélfia, EUA, entre 1914 e 1919, produzindo, na sequência, diversos exemplares Estilo Missões no Rio de Janeiro.

¹⁵ Nem todos os processos ou pranchas mencionam o autor do projeto; em alguns casos, há apenas uma assinatura, mas como o nome não é legível nem escrito por extenso, não foi possível confirmar o autor. Outras pesquisas poderiam, por outros meios, levantar essas lacunas.

¹⁶ Entre outras, a residência Brígida Garcia Medeiros, na avenida Bernardo, Vila Oliveira. Responsável pela construção: José de Souza Rosa. Processo 0569/1950-07.

¹⁷ Entre outras, a residência Manoel Bento Filho, na rua das Palmeiras, Vila Maracaju. Processo 2249/1953-71.

Technico de Construções em Geral” e da “Carpintaria e Marcenaria São José: fábrica de móveis, instalações, balcões, vitrines, esquadrias, etc.”¹⁸; engenheiro civil Luiz Vasco Alviço Alves, do Escritório Técnico de Engenharia¹⁹; engenheiro civil Arlindo de Sampaio²⁰; Waldo Russo²¹; engenheiro civil Gabriel do Carmo²²; engenheiro civil Anees Salim Saad, da Engenharia e Construções²³. Curioso notar que a rotina de trabalho desses engenheiros contemplava elucubrações estéticas e o estudo de novas referências culturais, para além da resolução mais pragmática de questões construtivas e funcionais.

Além disso, questões pontuadas acima sobre autores modernos atuantes no eixo “Rio – SP” também são válidas para um engenheiro de Campo Grande: Gabriel do Carmo, profissional que, afirma-se aqui, é um dos pioneiros na introdução da arquitetura moderna na cidade, nos anos 1950. Características de suas residências modernas têm semelhanças com a arquitetura moderna brasileira de vertente carioca, encabeçada por Lúcio Costa, a partir dos anos 1930. É o que se apreende comparando, por exemplo, projetos modernos realizados no Rio de Janeiro (CAVALCANTI, 2006) com residências projetadas por Carmo em Campo Grande. No entanto, concomitante às experiências modernizantes, Gabriel do Carmo utilizou o Estilo Missões.

Os dois exemplos abaixo (FIGURA 4) ilustram essa aparente contradição, ambas residências projetadas por ele, no mesmo ano, em 1957, em pouquíssimo tempo: a data do processo da casa com fachada moderna é 9 de julho; a data do processo da casa com fachada em Estilo Missões é 21 de outubro. São apenas três meses de diferença. Essa cronologia sugere que a casa moderna teria sido concebida antes da casa Estilo Missões, e não o contrário, como seria lógico imaginar, pois a historiografia da arquitetura brasileira mostra que muitos projetistas ecléticos de início se converteram em modernos na sequência, de forma gradual ou abrupta.

¹⁸ Entre outras, a residência Delcília Alves Coutinho, na rua Joaquim Távora. Processo 509/1952-11.

¹⁹ Residência Dolores Vilarrodona de Laburú, na avenida Marginal. Processo 3909/1952-84.

²⁰ Entre outras, a residência Abdala Elkhoury, na avenida Mato Grosso, Vila Rosa. Processo 4500/1955-59.

²¹ Residência Antônio Gomes da Silva, na rua 26 de Agosto. Processo 1436/1955-45.

²² Residência Ulisses Lima Almeida, na rua A. Antunes, Vila Ward. Processo 4337/1957-31.

²³ Entre outras, a residência Waldomiro Monteiro da Costa, na rua Coronel Ponce. Processo 3899/1957.

É possível observar essa mesma hesitação em importantes arquitetos brasileiros, como Oswaldo Bratke (CAMARGO, 2000) e Eduardo Kneese de Mello (REGINO, 2011): os dois iniciaram suas trajetórias no Ecletismo e tiveram uma pequena fase com projetos em Estilo Missões nesse contexto, antes de assumir uma postura moderna.

Na residência da Sra. Oliveira e Silva, notar a sutil referência aos arcos do Palácio do Alvorada, em Brasília, projetado por Oscar Niemeyer e cuja construção iniciou em 1957, mesmo ano que Gabriel do Carmo projetou sua residência de fachada modernista (FIGURA 5). Isso sugere que o engenheiro de Campo Grande tinha referências culturais abrangentes, que incluíam o Estilo Missões estadunidense, as sensuais linhas modernistas do arquiteto carioca e a fachada-livre corbuseana, com sua interpretação mais ortodoxa do moderno, visível na grande esquadria envidraçada.

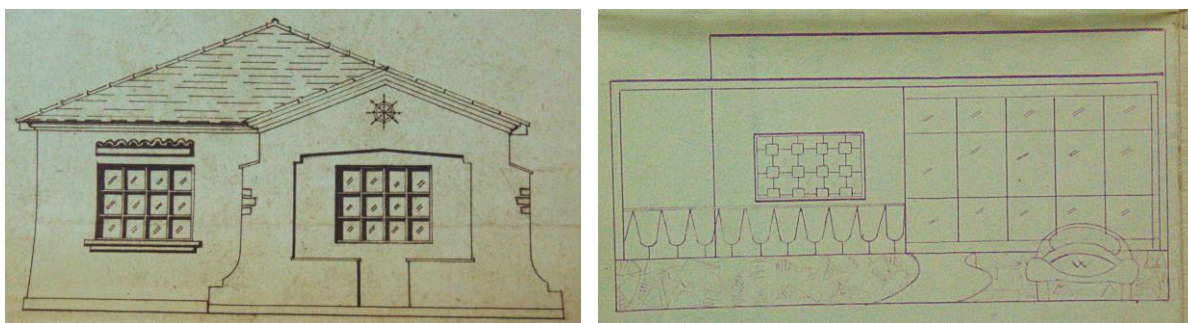


FIGURA 4 - **esquerda:** residência Ulisses Lima Almeida, autor do projeto e responsável pela construção: Gabriel do Carmo, localização: rua A. Nunes, Vila Ward, aprovado em 1957, processo 4337/1957-31; **direita:** residência Wanda Oliveira e Silva, autor do projeto e responsável pela construção: Gabriel do Carmo, localização: rua Pedro Celestino, aprovado em 1957, processo 2743/1957-41.

fonte: ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS).

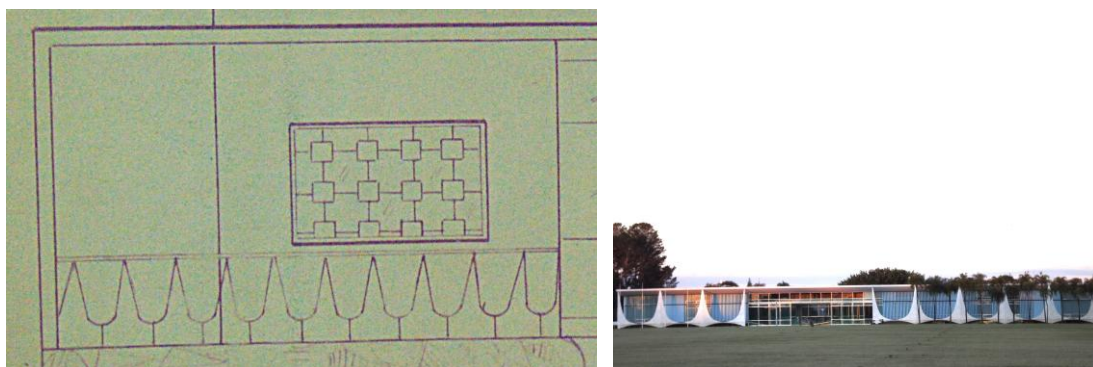


FIGURA 5 - **esquerda:** detalhe da residência Wanda Oliveira e Silva; **direita:** Palácio do Alvorada.
fonte: ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS). Foto: autor

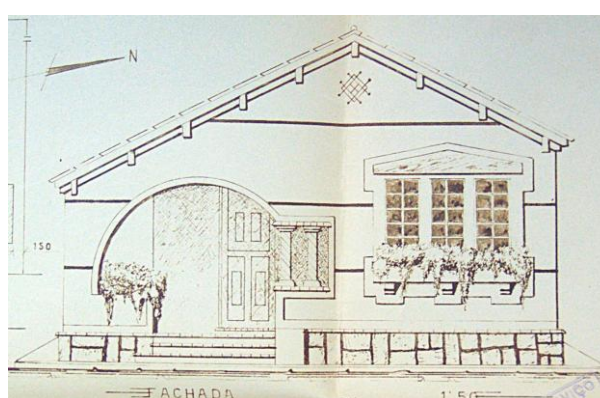
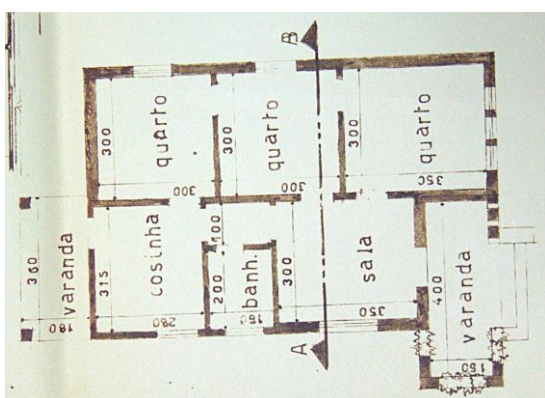
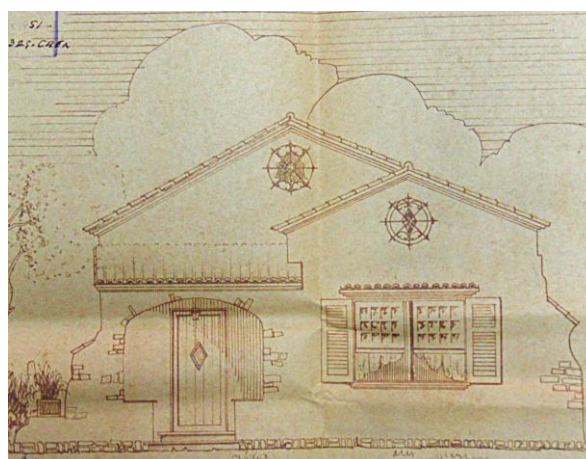
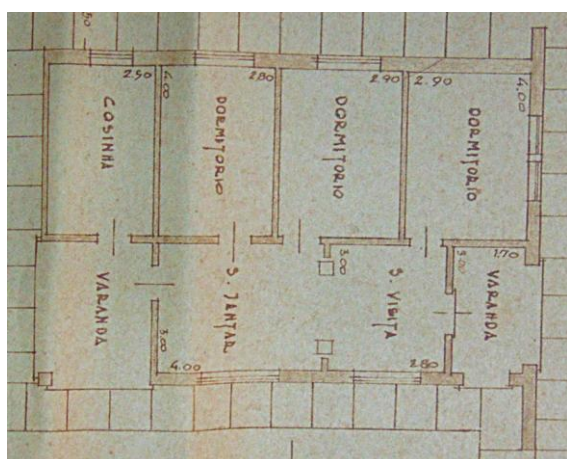
As características das residências em Estilo Missões identificadas em Campo Grande nos anos 1950 são similares às aquelas descritas neste tópico pela bibliografia, ainda que, no geral, o porte das edificações e a quantidade de decoração sejam menores: beiral mais curto do que aquele da tradição colonial portuguesa; círculo emoldurado, cujo tímpano é preenchido com azulejo, localizado próximo da cumeeira, centralizado na fachada; cobertura com detalhe decorativo curvo; cobertura da varanda mais baixa que o telhado da construção principal (ambas com cumeeira perpendicular à rua); última telha do beiral em “rabo de andorinha”; fiada de telha como pingadeira acima da janela; elementos decorativos metálicos: arandelas, pináculos, portão, grades sobre o círculo azulejado, grades sobre as janelas, etc.; imitação de pedras na abertura de acesso à varanda, no alicerce ou na parede; passagem da varanda arqueada: arco simples, duplo ou triplo, arco pleno, abatido ou ogival; paredes laterais da fachada: inclinadas, denteadas ou curvas; telhas colocadas sobre essas paredes laterais; reboco com acabamento rústico; torreão circular; etc..

Todas essas características localizam-se na fachada principal defronte a rua, o que indica uma influência da tradição acadêmica ao estabelecer hierarquia entre os planos da construção: mais valorizado aquele visível do espaço público. A partir desse raciocínio de projeto, as fachadas laterais e dos fundos teriam menos - ou não teriam - decoração. No entanto, não é possível confirmar essa dedução pois, nos processos consultados, quase não há menção dessas outras fachadas nos desenhos técnicos ou no memorial descritivo. Em Campo Grande, no período estudado, com raras exceções, a adoção do Estilo Missões trouxe poucas mudanças no partido arquitetônico. Talvez a mais notável seja utilizar duas coberturas diferentes, ambas com duas águas e cumeeiras perpendiculares à rua: a cobertura maior cobre a construção principal e seus cômodos domésticos, a cobertura menor cobre a varanda da entrada social da casa, que dá acesso à sala.

Em termos de programa e espacialidade, de novo, o uso do Estilo Missões não trouxe nenhuma mudança substancial. É o que se conclui ao comparar exemplares Estilo Missões com residências projetadas em outros estilos na cidade, nos mesmos anos 1950, como o ecletismo, o clássico, o art déco, etc.. Os exemplos abaixo ilustram a questão. A residência da Sra. Yonamine foi projetada em Estilo Missões por José Machado (1951) (FIGURA 6.1); a residência da Sra. Flores foi projetada em estilo

eclético por Amélio Baís (1952) (FIGURA 6.2). Em ambas, são semelhantes o partido arquitetônico, a disposição da fachada, o programa de necessidades e o arranjo doméstico. A diferença quase se resume à decoração sobreposta à construção, na fachada frontal. Isso significa que os arquitetos poderiam intercambiar estilos diferentes em função de suas preferências estéticas ou em função de predileções de seus clientes, sem alterar, no entanto, a vida cotidiana no interior da moradia pois, quase nunca, elas apresentam traços modernos, como a “planta-livre” (LE CORBUSIER, 2011).

Na residência da Sra. Yonamine, por exemplo, o “memorial descritivo para construção” informa que apenas a fundação é de concreto armado, ainda que o documento não detalhe a solução utilizada. Não há menção de pilares de concreto armado, apenas paredes de “alvenaria de tijolos comuns, assentados com argamassa traço 1:3, cal e areia”²⁴.



²⁴ O documento completo pode ser consultado no processo processo 0342/1951-14.

FIGURA 6.1 - **acima**: residência Kenji Yonamine, autor do projeto: Sociedade Campograndense de Engenharia Ltda. (assinado por José Machado), construtor: José de Souza Rosa, localização: rua Rui Barbosa, aprovado em 1951, processo 0342/1951-14; FIGURA 6.2 - **abaixo**: residência Doraide Cordoba Flores, autor do projeto: Amélio Baís, responsável pela construção: José de Souza Rosa, localização: rua Marginal, aprovado em 1952, processo 770/1952-39.
fonte: ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS)

Várias comparações poderiam ser feitas: a pingadeira da janela é um renque de telhas na residência da Sra. Yonamine e um frontão na residência da Sra. Flores, o arco é pleno na residência da Sra. Yonamine e abatido na residência da Sra. Flores, o arco tem detalhes decorativos de pedras na residência da Sra. Yonamine e é assentado sobre duas colunas gregas na residência da Sra. Flores, a parede lateral tem acabamento curvo e denteado no caso da residência da Sra. Yonamine e acabamento retilíneo na residência da Sra. Flores, o acabamento da parede é rústico na residência da Sra. Yonamine e é geometrizado na residência da Sra. Flores. Detalhes decorativos sempre em Estilo Missões no primeiro caso e em estilo Eclético com tempero classicista no segundo caso.

Projetadas por arquitetos diferentes, a residência da Sra. Yonamine e a residência da Sra. Flores, no entanto, foram construídas pelo mesmo profissional: José de Souza Rosa. A eventual beleza epidérmica dessa arquitetura e suas referências eruditas que resgatam momentos paradigmáticos da arquitetura ocidental e que tanto deviam orgulhar os moradores e modernizar a aparência urbana, por outro lado, oculta a laboriosa fatura dos trabalhadores de canteiros de obra e esconde saberes e vernáculos da tradição construtiva brasileira, como as paredes de alvenaria.

Transformar os “intestinos do edifício” em elementos de linguagem (MONTANER, 2015, p. 123) era um objetivo da arquitetura brutalista, uma nova estratégia que se torna popular a partir do Pós-Segunda Guerra Mundial, concomitante, portanto, à concepção dos projetos residenciais aqui estudados. As diferentes manifestações do brutalismo no Brasil foram estudadas por diversos autores, como Koury (2003) e Zein (2005). Nos anos 1950 e nas décadas subsequentes, em especial na cidade de São Paulo, diversos arquitetos aderiram ao novo “estilo”: Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Joaquim Guedes, Sérgio

Ferro, Rodrigo Lefèvre, entre tantos outros²⁵, cujos pressupostos ainda influenciam a produção atual, por exemplo, o escritório MMBB.

A palavra estilo foi destacada acima entre aspas, pois parece generalizada a ideia de que o brutalismo não pressupõe apenas novos significados estéticos para a arquitetura, mas coloca - e esse talvez seja seu fundamento mais expressivo - novas questões éticas. Não mascarar a construção tem significados diversos, ao mostrar: os elementos e as técnicas construtivas²⁶, a fatura dos trabalhadores, mas também expor as contradições históricas existentes no dia a dia de um canteiro de obras no Brasil, a precarização das condições de trabalho da classe trabalhadora e a relação desigual entre capital e trabalho.

Um monumental exemplo da época ajudar a problematizar essa questão: a construção de Brasília e a sublime arquitetura de Oscar Niemeyer, que projeta o modernismo brasileiro para sua glória internacional, ao mesmo tempo em que convenientemente pinta de branco e esconde marcas das relações precaríssimas de trabalho enfrentadas pelos migrantes, chamados candangos, que ao final do empreendimento e da inauguração da capital, não tiveram lugar no plano piloto e tiveram que se estabelecer, de forma precária e quase sem apoio do Estado, nas cidades-satélites, em longínquas periferias.

Na amostra estudada - Campo Grande, anos 1950 - foram encontrados seis profissionais responsáveis pela construção²⁷: Luiz Louzinha²⁸, com 25 construções; José de Souza Rosa, com 13 construções; Alexandre Tognini²⁹, com 10 construções; Manoel Fernandes, com 2 construções³⁰; Manoel de Rosa Souza, com 1 construção.

Resume-se um quadro já estabelecido aqui: estilo Missões, uma referência de raízes mediterrânicas, especificamente espanholas, transplantadas e adaptadas em

²⁵ Inclusive em Mato Grosso do Sul. Por exemplo, em projetos de Armênio Arakelian e de Rubens Gil de Camilo.

²⁶ Por exemplo, com paredes sem reboco ou pintura, com a alvenaria e as instalações aparentes.

²⁷ O construtor não é nomeado em diversos projetos, por isso, é provável que esses e tantos outros construtores tenham trabalhado em muitíssimas residências, construídas na época, na cidade. Em vários casos, o responsável pela construção é um profissional com formação universitária (quase sempre engenheiro, raramente arquiteto) ou uma empresa de engenharia.

²⁸ Número CREA 1957. Foram encontradas menções de nove casas construídas por ele apenas em 1953, o que indica uma atividade profissional intensa.

²⁹ Em alguns projetos, ele está nomeado como "construtor licenciado", número CREA 2049.

³⁰ Número CREA 2153.

terras de domínio Espanhol e cujas características atendiam demandas construtivas (das regiões em que foi implantado) e programáticas (do empreendimento colonial americano), em especial, a catequização de povos indígenas e o condicionamento de sua vida cotidiana às expectativas religiosas e econômicas europeias. Povos ameríndios perderam sua autonomia para o colonizador espanhol que, por sua vez, perdeu sua colônia no século XIX com a ruptura que culminou na independência do México.

Na sequência, como resultado de processos violentos, porções dessas terras se tornaram propriedade dos EUA. Os estadunidenses, querendo renegar o patrimônio cultural mexicano, resgatam - e idealizam - outra herança arquitetônica, europeia, inventando um estilo que seria bastante popular na costa oeste do país. No século XX, conforme se acentua a hegemonia econômica dos EUA, o eixo cultural predominante se desloca da Europa, especificamente da França, para terras norte-americanas. Isso significou uma mudança brutal no padrão de consumo de bens culturais, entre os quais, o cinema, a música, as artes visuais, mas também a arquitetura e o urbanismo.

A partir daqui, é difícil mapear os caminhos exatos dessas novas ideias de projeto desde sua origem estadunidense até as pranchetas de projeto dos autores em Campo Grande. No entanto, é previsível deduzir que o cinema de Hollywood³¹ e eventuais revistas³² tenham tido grande influência, tanto como os principais centros difusores dessa arquitetura no Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo, de forma direta através de obras construídas nessas cidades ou de profissionais que lá estudaram e depois se estabeleceram no interior do - à época - Mato Grosso. Estudos monográficos sobre esses autores podem descobrir tais vínculos culturais e acadêmicos.

Esses estudos monográficos exigiriam outro recorte temático e uma revisão bibliográfica diferente daquela realizada aqui, por isso, essas questões não foram

³¹ O cine-teatro Alhambra, inaugurado em 1936, tinha capacidade para 1.700 pessoas; o cine-teatro Santa Helena, reformado em 1937, tinha capacidade para 1.300 pessoas; o cine Rialto, inaugurado em 1947, tinha capacidade para 800 pessoas; entre outros, que funcionam nos anos 1950.

³² Por exemplo, a revista Acrópole, que circulou entre 1938 e 1971 e que, segundo Pinheiro (1997), tinha o Estilo Missões como um dos mais populares publicados entre as décadas de 1930 e 1940.

aprofundadas no presente artigo, apesar de que, informalmente, ser sabido que alguns desses autores estudaram em São Paulo, por exemplo, na Faculdade Mackenzie ou na Escola Politécnica. Nesses casos, tiveram acesso facilitado à revista Acrópole e, é possível, visitaram projetos em Estilo Missões realizados no Jardim América, entre aqueles descritos por Wolf (2000).

O que é possível afirmar a partir dos dados levantados é que, em Campo Grande, nos anos 1950, não havia interesse em fundamentar os projetos a partir de um repertório da história brasileira, tampouco estabelecer uma - tanto almejada - identidade nacional, já que o Estilo Missões continha outras origens: mexicana, espanhola, hispânica, mediterrânea, estadunidense, americana, latina, etc., mas não especificamente portuguesa ou brasileira.

Reconhecer, estudar, valorizar e utilizar traços culturais regionais, específicos do Centro-Oeste ou de Mato Grosso do Sul, também não estava na agenda para fundamentar o horizonte estético ou decorativo desses projetistas. Sejam esses traços ocidentais europeus ou ameríndios. Por isso, conclui-se que esse Estilo Missões deve ter sido tão popular em meados de século XX em Campo Grande por razões apenas decorativas, presente apenas na epiderme das fachadas defronte à rua, sem maiores explicações ou justificativas sociais, culturais, históricas, etc.. Constitui-se apenas uma moda que produziu, nos melhores casos, belas casas.

EPÍLOGO

A maneira como o Estilo Missões realizado em Campo Grande foi definido até aqui parece não ser suficiente para explicar a residência do Sr. Italívio Pereira Martins (FIGURA 7). Nela o repertório formal do estilo contribui para definir o partido arquitetônico e influencia o arranjo espacial doméstico (FIGURA 8), por isso, é conveniente apresentar também as plantas para comparar a recíproca influência entre volumetria e espacialidade.

O torreão com cobertura cônica abriga a escada desse sobrado e conecta salas (térreo) e dormitórios (superior). O torreão/escada está centralizado e articula de forma centrífuga sala, copa, escritório e varanda, organizando a transição entre público e privado. A varanda, que tem área e proporção que permitem usos sociais

variados e prolongados, em espaço convenientemente sombreado, coberto por uma sequência de arcos, também tem uma complexa articulação com o restante da residência: passagem que conecta à garagem de automóvel, entrada social ao hall, passagem direta à copa, porta ao escritório e vista à rua.

Os poucos detalhes decorativos se tornam mais discretos por causa da capacidade da solução projetual estabelecer, de maneira simultânea e relacionada, a materialidade construtiva e espacial. Apesar de enquadrada ainda nos registros do Estilo Missões, esse projeto devolve ao trabalho do arquiteto significados mais profundos e tarefas mais complexas do que o fachadismo decorativo dos exemplares anteriores.

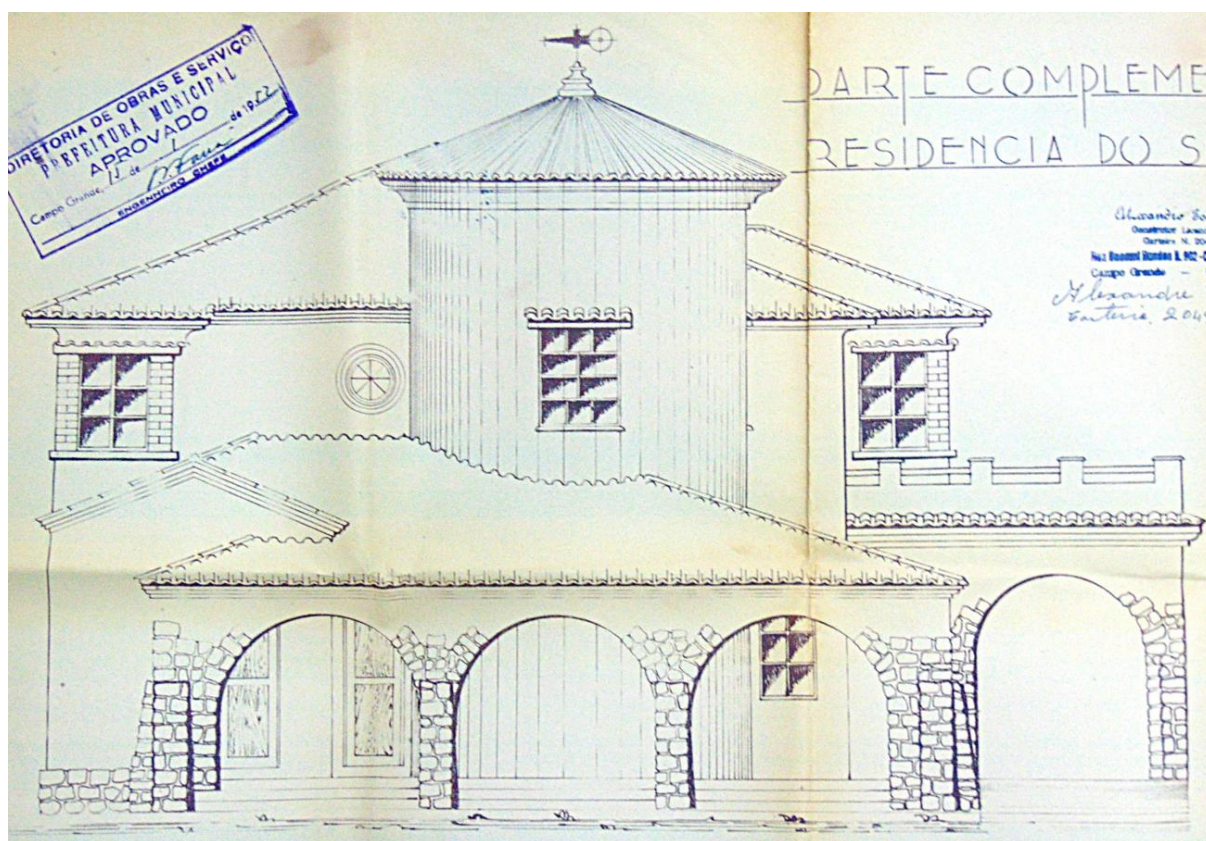


FIGURA 7 - residência Itálio Pereira Martins, construtor: Alexandre Tognini, localização: rua Dom Aquino, aprovado em 1952, processo 181/1952-88.

fonte: ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS)

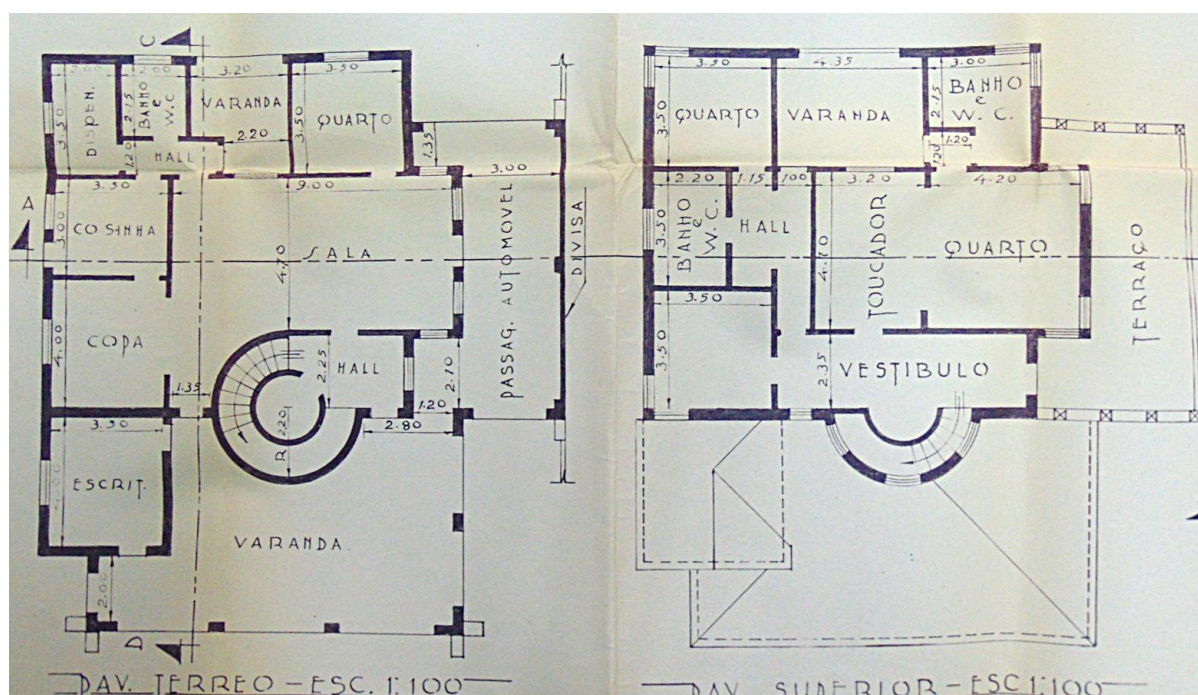


FIGURA 8 - plantas, residência Italvio Pereira Martins.
 fonte: ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS)

CONCLUSÕES

As primeiras conclusões deste artigo são bibliográficas e metodológicas, indicando caminhos mais precisos para futuros estudos do gênero. A literatura tradicional sobre a história da arquitetura brasileira não informa com precisão as especificidades dos projetos residenciais realizados em Campo Grande nos anos 1950. Uma parte considerável desses textos quase concentram suas análises aos acontecimentos ocorridos em grandes eixos hegemônicos difusores culturais, como Rio de Janeiro e São Paulo. Meados do século XX é um período de consagração da arquitetura moderna em sua vertente carioca (KAMITA, 1999) e o início da influência da arquitetura moderna em sua vertente paulista (ZEIN, 2005) ou, nas palavras de Bruand (2020), a Escola Carioca e a Escola Paulista. No plano internacional, posições favoráveis às vanguardas europeias (GIEDION, 2004) começaram a ser questionadas no Pós-Segunda Guerra Mundial (MONTANER, 2015), em um processo que, anos adiante, culminou no Pós-modernismo e a concepção arquitetônica em outras bases.

No entanto, no mesmo período, em Campo Grande, cidade do interior do então Estado de Mato Grosso, a referência arquitetônica mais popular era o Estilo Missões, cuja utilização era rara à época nas cidades acima citadas. Portanto, não é possível

distinguir especificidades locais apenas a partir de estudos acadêmicos realizados em outros centros. Por isso, tornam-se bastante inadequadas histórias que tendem a generalizar, como “arquitetura moderna brasileira”, “arquitetura colonial no Brasil”, etc.. Como contraponto, se mostraram fundamentais os estudos em fontes documentais realizados aqui e a análise de projetos arquitetônicos aprovados na prefeitura, hoje disponíveis para consulta no ARCA. Logo, uma revisão bibliográfica não é suficiente para qualificar a produção arquitetônica campo-grandense, pois os trabalhos oriundos de outros lugares são imprecisos e os trabalhos realizados em Campo Grande - no recorte temático aqui proposto - são quase inexistentes.

No mesmo Centro-Oeste, o presidente Juscelino Kubitschek planejava sua meta-síntese e a construção da Brasília, auge do desenvolvimentismo brasileiro no período democrático, antes do golpe militar de 1964, época de grande otimismo e brilho cultural, visível em áreas diversas: o disco *Chega de Saudade* (1959), de João Gilberto, inaugura a Bossa Nova; *Rio 40 graus* (1955) e *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos, prenunciam o Cinema Novo; o Brasil ganhava sua primeira Copa do Mundo de futebol (1958); o neoconcretismo fazia suas inflexões iniciais na direção de uma arte ambiental; entre tantas outras manifestações culturais, incluindo a arquitetura, com destaque para aquela concebida no Rio de Janeiro por Affonso Eduardo Reidy, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, etc..

Essas produções têm algo em comum: apropriar-se de eventuais fenômenos culturais externos, misturando-os com formas e conteúdos locais, brasileiros. A partir de maneiras e interesses muito diversos, com resultados e expressões bastante distintas, de forma consciente ou não, reiterando ou negando, no geral, eles seguem uma tradição antropofágica de Oswald de Andrade (GUERRA NETO, 2002). Havia um interesse quase generalizado entre intelectuais e artistas em interpretar as raízes do Brasil, como sugere o clássico livro de Sérgio Buarque de Holanda (2016)³³, como condição inicial para as modernizações que pareciam inevitáveis. É por isso, por exemplo, que a arquitetura moderna brasileira é tão diferente de seus congêneres franceses, holandeses, alemães, etc.. Conforme termos utilizados no título do livro de Cavalcanti (2006): “moderno e brasileiro”. O pavilhão do Brasil na Exposição

³³ O livro foi publicado originalmente em 1936.

Internacional de Nova York em 1939 é paradigmático para ilustrar esse procedimento dual - por vezes contraditório - de olhar para fora e para dentro.

Também enxergamos uma dualidade na arquitetura em Estilo Missões praticada em Campo Grande, mas em termos bastante distintos. Há primeiro um componente externo. Ela era uma novidade importada e, como tal, bem ao sabor da Guerra Fria, devia ser entendida como uma modernização, uma qualidade nova a ser incorporada pela arquitetura praticada então. Essa atualização cultural, no entanto, advinha pelo viés do consumo, como uma moda que influencia o gosto dos clientes e condiciona o trabalho dos profissionais envolvidos com o projeto residencial, sejam engenheiros ou arquitetos. Situação talvez não muito diferente dessas casas assobradadas parecidíssimas, construídas em condomínios fechados de média e alta renda, construídas na periferia de Campo Grande, nos dias de hoje.

Essas típicas “casas de condomínio”, como se diz popularmente, não têm justificativas culturais profundas, são apenas modas, tácitas e efêmeras, que padronizam a paisagem resultante, mas que deixam clientes aparentemente satisfeitos e arquitetos com encomendas garantidas. Tanto nos anos 1950 quanto nos anos 2000, o resultado são casas belíssimas nos melhores casos e casas cafoníssimas nos piores casos. Em todas elas, por fim, as inovações são epidérmicas, ou seja, sem mudanças estruturais em termos construtivos ou espaciais.

O Estilo Missões foi uma modernização cultural campo-grandense, ideia trazida por profissionais antenados com inovações estadunidenses, de forma direta dos Estados Unidos ou através de mediações internas, via São Paulo ou Rio de Janeiro, por exemplo. Trânsito cultural, de certo, facilitado pela política da boa vizinhança dos anos 1940. Por outro lado, o conteúdo formal do Estilo Missões remetia a uma tradição construtiva espanhola, repertório inusitado, visto que foi realizado em terras de possessões originais de Portugal.

Isso reforça a conclusão de que a mencionada modernização é epidérmica, pois não há vínculos históricos ou afetivos que justifiquem resgatar referências - espanholas - que não existiram na região. Esse tinha sido o discurso, por exemplo, dos teóricos e adeptos do neocolonial: justificar a adequação de referências luso-brasileiras da época colonial para definir, na sequência, na opinião desses autores, o

vocabulário correto da arquitetura. Isso não era possível no caso do Estilo Missões, pois ele tinha filiação espanhola.

Também seria possível, aventa-se aqui, como sugestão para trabalhos futuros, problematizar o Estilo Missões pelo filtro da abordagem decolonial, que tem influenciado a produção acadêmica brasileira em diversas áreas nos últimos anos, buscando outros significados, outras histórias e outros personagens para a trajetória brasileira. Pelo crivo da consciência contemporânea, depois de séculos de massacre e de genocídio de povos indígenas, não seria adequado rememorar o empreendimento econômico e religioso colonial, brutal em sua violência, autoritário em sua ocupação, imperial em sua política, monopolista em seus empreendimentos, global em sua abrangência, desumano em seu processo civilizador e cruel em sua catequese.

As considerações desse parágrafo parecem mais convenientes ainda em um estado como o atual Mato Grosso do Sul, de economia agropecuária tão hegemônica, marcada pelo latifúndio de monocultura voltada para a exportação, ao mesmo tempo em que destrói a natureza e impõe um modo de produção mercantil sobre outras atividades humanas. Estado com exuberante herança indígena, mas cuja riqueza cultural foi desconsiderada nos projetos arquitetônicos.

Um antigo mapa localiza a região em que hoje existe MS, entre o Paraguai à Oeste e as capitanias portuguesas litorâneas à Leste (FIGURA 9). O documento nomeia a região como “BRASILIA BARBARO”, local que, como o próprio termo sugere, não estava incluído nos circuitos coloniais, sejam portugueses ou espanhóis. O estudo reconhece, no entanto, diversas referências a povos originários presentes: “tupinikinsí”, “tupin imbas”, “molopaques”, “cayeté”, “tupinambas”, “tamoyes”, entre outros. O mapa também identifica, à oeste do rio Paraná, no coração do atual estado de MS, uma enorme quantidade de indígenas, cujo desenho sugere uma densidade populacional significativa.

Por isso, ao mesmo tempo que valoriza a história da arquitetura de Campo Grande em meados de século XX, o presente artigo reconhece a mentalidade eurocêntrica existente na época e as consequentes ausências nos repertórios de projeto dos profissionais atuantes.



FIGURA 9 - Recens elaborata Mappa Geographica Regni Brasiliæ in America Meiridionali maxime celebris accuratæ delineata per Matth. Seutterum, Sac. Cæs. Maj. Geogr. Augustæ Vind³⁴.
DETALHES.

fonte: Instituto Moreira Salles. Disponível em:

<https://acervos.ims.com.br/index.php/Detail/objects/463>. Acesso em: 22 dezembro 2025.

REFERÊNCIAS

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a boa vizinhança: a sociedade urbana do Brasil*. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 468 p.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

³⁴ O Instituto Moreira Salles esclarece, no mesmo link informado na legenda : "Esta imagem está em domínio público e com o download liberado".

CAMARGO, Mônica Junqueira de. *Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke*. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, 191 p.

CAVALCANTI, Lauro. *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura, 1930-1960*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

D'ALAMBERT, Clara Correia. *Manifestações da arquitetura residencial entre as Grandes Guerras*. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, 253 p.

FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1987.

GIEDION, Sigfried. *Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUERRA Neto, Abilio da Silva. *Lúcio Costa, modernidade e tradição: montagem discursiva da arquitetura moderna brasileira*. Tese (doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, 196 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KAMITA, João Masao. *Espaço moderno e país novo: a arquitetura moderna no Rio de Janeiro*. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, 268 p.

KOURY, Ana Paula. *Grupo Arquitetura Nova: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro*. São Paulo: EDUSP, 2003.

LE CORBUSIER. *Por uma arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LEMOS, Carlos. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989.

MONTANER, Josep Maria. *Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX*. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Modernizada ou moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45*. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997, 270 p.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio: debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2012.

REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello: do eclético ao moderno*. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, 624 p.

WISNIK, Guilherme. *O Brasil condenado ao moderno: do desenvolvimento de Estado aos grupos contraculturais*. Tese (livre-docência em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019, 291 p.

WOLF, Silva Ferreira Santos. *Jardim América: o primeiro bairro jardim de São Paulo e sua arquitetura*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

ZEIN, Ruth Verde. *A arquitetura da escola paulista brutalista, 1953-1973*. Tese (doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, 197 p.

AGRADECIMENTO

ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande (MS).

Recebido em 23/12/2025

Aprovado em 15/04/2026